

O par construcional “acredita nisso/ acredita isso”: distinção sintática no uso implica diferença semântico-pragmática*

Luiz Fernando Matos Rocha^a

Ana Carolina Neves Dias^b

Karina Carolina Vieira^c

Joice Carla Ribeiro da Silva^d

Resumo

Este trabalho investiga, no par de construções gramaticais “acredita nisso/ acredita isso”, distinções semântico-pragmáticas suscitadas por diferenças sintáticas e licenciadas por contextos discursivos específicos. Tendo em vista o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, representado aqui por autores como Almeida (2010), Croft e Cruse (2004), Ferrari (2011), Goldberg (1995, 2006), Langacker (1999, 2007), Pascual (2014) e Talmy (2000), postula-se que os usos de “acredita nisso”, comuns a contextos de contraexpectativa reiterada e contraposição local, abarcam uma perspectiva mais objetiva sobre a cena evocada, sendo que, ao acionar o frame de crença, o enunciador evoca-o para o outro; já os de “acredita isso”, comuns a contextos de contraexpectativa local, envolvem uma perspectiva mais subjetiva do enunciador sobre a cena evocada, sendo que, ao acionar o frame de perplexidade, o enunciador invoca-o para si em detrimento da reação do interlocutor. O termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “nisso” perfila a concepção própria do enunciador, em perspectiva conjuntiva; ao passo que o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “isso” perfila a concepção do interlocutor, em perspectiva disjuntiva. Se o verbo “acreditar” estiver sob o escopo da negação, dá-se o oposto: “nisso” perfila a concepção do interlocutor; “isso” perfila a concepção própria do enunciador. As hipóteses foram levantadas com base em dados extraídos de sites em português na internet.

Palavras-chave: Gramática das Construções. Fictividade. Subjetividade. Intersubjetividade. Uso.

Recebido em: 01/10/2019

Aceito em: 01/05/2020

* Artigo produzido no âmbito da disciplina Tópicos de Estudos Linguísticos II (Estudos Cognitivos da Gramática e do Léxico), ministrada pelo professor Luiz Fernando Matos Rocha durante o primeiro semestre de 2019, na Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

^a Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: luiz.rocha@ufjf.edu.br.

^b Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: anacarolinan123@gmail.com.

^c Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: kvieira110@gmail.com.

^d Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: joicecarlas3@gmail.com.

Introdução

“Você acredita nisso?” Ou “você acredita isso”? Ou os dois? Alguma das opções lhe parece soar estranha? Certamente, não são perguntas a serem respondidas quanto à forma prescritivamente correta que deva ser usada pelos falantes, pois estudiosos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972], 1974, 1982, 1994; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) já sustentariam a possibilidade de as duas alternativas, sendo consideradas variações linguísticas, não se excluírem e de, plenamente, conviverem no uso. Pelo menos, certas observações empíricas recentes, relativas à fala cotidiana de residentes em Juiz de Fora (MG), dão conta de que essa possível variação sintática entre “isso” e “nisso”, como complementos do verbo “acreditar”, é recorrente. Pode até não ser comum aos olhos de quem estuda linguagem e, por vezes, nem detectável em *corpora* tratados, mas, para nós, a “estranheza” de “acredita isso” é base para investigação linguística.

Na verdade, essa observação foi o que nos inspirou a investigar instâncias dessas construções, que são semanticamente similares, mas pragmaticamente diferentes, levando-se em conta a máxima da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT; CRUSE, 2004; LANGACKER, 1999, 2007), segundo a qual, se a forma muda (mesmo que muito sutilmente), a função também muda. No par analisado, “acredita nisso/acredita isso”, o complemento do verbo “acreditar” pode aparecer como Sintagma Preposicional (SP) ou Sintagma Nominal (SN), como complemento oblíquo ou direto, respectivamente. Então, que diferença de significação se operaria entre uma e outra? Qual seria a distinção pragmática ou discursiva entre tais expressões, já que suas semânticas não apontam para sentidos diferentes? Trata-se de uma discrepância relevante que mereça tratamento analítico?

Para que talvez sejam respondidas, essas perguntas requerem um percurso de leitura que passe pela retomada de alguns aspectos teóricos, metodológicos e analíticos, os quais serão desenvolvidos a seguir. O que se pretende revelar é que uma tênue distinção formal entre “acredita nisso” ou “acredita isso”, apenas a preposição “em”, é suficiente como pista robusta para que se investiguem suas distinções funcionais, captáveis, ao que parece, apenas no uso.

Aspectos teóricos

Na obra *Dicionário de verbos e regimes*, Fernandes (1983) já tratara, de forma ligeira, das transitividades do verbo “acreditar”. A primeira entrada a figurar no verbete apresenta o sentido do verbo como “ter fé em; dar crédito a; crer”, em forma transitiva, como no exemplo: “Para o mundo poder sofrer, e acreditar melhor a justiça de Deus (MORAIS, *apud* FERNANDES, 1983, p. 49)”. Como forma relativa, em que o verbo é regido por preposição, “acreditar” tem sentido de “crer, confiar”. Para tal entrada, o exemplo escolhido apresenta o uso da preposição “em” entre o verbo e seu complemento, como em: “Quem é que não acredita em Deus, meu amigo? (CAMILO, *Novelas*, 1, 114, *apud* FERNANDES, 1983, p. 49)”.

Curioso, à primeira vista, que o dicionário não especifica muito as diferenças de sentido entre as transitividades transitiva e relativa, utilizando em ambas o verbo “crer” para definir os significados de “acreditar”. Contudo, para a forma transitiva, ele adiciona os sentidos de “ter fé em; dar crédito a”; e, para a forma relativa, de “confiar”. Há certamente uma gradiência de sentidos que se tangenciam, porém os detalhes das distinções de significado só se confirmariam com respaldo do uso, com investigação em dados linguísticos reais.

De acordo com pressupostos da Linguística Cognitiva (daqui por diante, LC), usamos a linguagem influenciados por nossas experiências de mundo, as quais são armazenadas em nosso aparato cognitivo. A LC propõe que os conhecimentos linguísticos e enciclopédicos são integrados e dispostos em rede, prontos para serem acessados a qualquer momento. Ao levar em conta o aspecto pragmático-discursivo, a integração entre sintaxe e semântica, bem como outras capacidades cognitivas na produção e interpretação do significado, a LC fornece subsídios os quais nos aproximam de respostas para nossos objetivos neste artigo. Em específico, orientamo-nos pelas bases teóricas da Gramática das Construções (daqui por diante GC), que estabelece como objetivo partir das “irregularidades” das línguas, dos idiomatismos, para abarcar as regularidades.

Nessa direção, a GC “retoma a tese saussuriana de que o signo linguístico reflete uma relação estreita entre significante e significado” (FERRARI, 2011, p. 130). Contudo, a abordagem de

Saussure, originalmente pensada até o nível do signo linguístico, expande a ideia para o nível da sentença, de modo que, na teoria cognitivista, são denominadas construções desde palavras até sentenças complexas. Com a GC, o significado das construções gramaticais é entendido como, em parte, independente das palavras que as constituem. A soma dos itens lexicais presentes em determinadas construções nem sempre corresponde ao seu sentido total, o que certamente envolve o uso. Expressões como “pois não”, para demonstrar boa disposição no atendimento de alguém, pelo menos em Português Brasileiro, exemplificam isso, apesar da marca negativa.

Pertinente à noção de que a linguagem reflete nossas vivências no mundo, o conceito de *frame* “designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2011, p.50). Nesse sentido, para entendermos o significado das diversas palavras de nosso léxico, ativamos também nosso conhecimento sobre cenas do dia a dia em que elas aparecem. E as construções evocam *frames*, que também podem ser invocados pelos sujeitos cognitivos.

Goldberg (1995, p. 67), por sua vez, defende que as configurações sintáticas estão pareadas com a informação pragmático-semântica correspondente, ao apresentar, pelo menos, um princípio importante para este trabalho: o da não sinonímia, segundo o qual, se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica e pragmaticamente distintas. Ainda mais relevante é o primeiro corolário: se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas. O caráter das distinções formais tende, assim, a estar simbolicamente atrelado ao das distinções funcionais, que acionam conceptualizações mais ou menos verídicas, mais ou menos fictivas.

Conforme Talmy (2000, p. 100), a fictividade diz respeito a um padrão interno de representações discrepantes de um mesmo objeto, sendo uma delas avaliada como mais verídica ou factiva; e a outra avaliada como menos verídica ou fictiva. Assim, um conceito a ser utilizado em nossas análises é o de Interação Fictiva, que diz respeito ao uso do *Frame* de Conversa para estruturar a cognição, o discurso e a gramática (PASCUAL, 2014, p.16). Quando se diz que as perguntas

fictivas, como “pode isso?” em determinados contextos, não almejam resposta, verifica-se que o *Frame* de Conversa é acionado apenas para organizar o discurso do enunciador, tendo objetivos retóricos ou argumentativos, na expressão de perplexidade, surpresa ou admiração.

Outros conceitos pertinentes à nossa análise são o de subjetividade e intersubjetividade. Conforme Traugott e Dasher (2005, p. 21), as expressões mais subjetivas imprimem traços do sujeito no discurso, como dêiticos espaciais e marcadores de suas atitudes, enquanto expressões mais objetivas lidam com um mínimo de inferências. A intersubjetividade é justamente a “atenção dispensada” ao outro e é marcada pelos pronomes, dêixis sociais, marcadores de polidez. Nessa perspectiva, a subjetividade precede a intersubjetividade, mas ambas expressam a visão do falante.

Sob a ótica de Langacker (2008, p. 262), a questão da subjetividade/objetividade não está apenas na forma linguística em si, como propõem Traugott e Dasher (2005), mas na atitude do falante. Para o estudioso, uma atitude subjetiva requer menos informação do evento de fala (*ground*). Uma atitude mais objetiva perfila elementos do *ground*, mas as expressões serão subjetivas, uma vez que serão dadas com base na perspectiva do conceptualizador.

Acrescenta-se ainda o trabalho de Almeida (2010) sobre construções completivas epistêmicas em inglês, cujo objetivo é o de contrastar construções do tipo [X *thinks that* Y] e [X *thinks* Y]. Um dos achados se relaciona com o fato de que as construções completivas epistêmicas indicam intersubjetividade. Segundo a autora, aquelas sem complementizador *that* sinalizam conjunção cognitiva em relação à perspectiva de outros participantes, em discurso prévio ou disponível por meio de conhecimento compartilhado; as com complementizador *that* indicam disjunção cognitiva em relação à perspectiva de outros participantes. O estudo ganha relevo neste trabalho, pois trata detalhadamente dos impactos que a presença ou a ausência de uma única pista linguística, de pouca substância material, como o *that*, pode provocar na produção/interpretação do sentido. Veremos algo similar com a preposição “em”, presente e ausente nas construções com “acredita nisso” e “acredita isso”, de modo respectivo.

Aspectos metodológicos

Tendo em vista o entendimento primordial da Gramática das Construções, que envolve o pareamento forma-função, interessa-nos investigar as implicações de diferenças entre instâncias de construções semanticamente sinônimas, porém pragmaticamente distintas. A escolha do par, “acredita nisso” e “acredita isso”, como foco analítico, ilustra e corrobora o que se defende como construção, cuja mudança de forma inclui mudança de significado.

A motivação para essa escolha advém da intuição de que, no uso, ambas as construções-foco devem apresentar nuances pragmáticas, que favorecem a idiomatidade de “acredita isso” em detrimento de “acredita nisso”. Sendo assim, buscam-se evidências externas à teoria em favor de sua elucidação no uso. Portanto, as seguintes perguntas atuaram como guias para a construção deste trabalho: (i) as construções “acredita isso” e “acredita nisso”, em contextos declarativos e interrogativos de uso, são distintas pragmaticamente? Ou mesmo semanticamente?; (ii) sendo distintas formalmente, quais são os significados mais proeminentes em uma e outra em função da presença ou da ausência da integração da preposição “em” no âmbito construcional?; (iii) o que subjaz a elas em termos cognitivos?

Apesar de termos feitos buscas nos *corpora* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), NURC-RJ, Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro, (BARBOSA; LOPES; CALLOU, 1970) e PROFALA, Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações, (ARAGÃO; SOARES, 1996), os procedimentos metodológicos que oportunizaram respostas a essas questões se deram com auxílio da ferramenta de pesquisa do *Google*, o que provocou uma mudança de perspectiva analítica da modalidade falada para a escrita. Empreendemos as buscas em vários dias diferentes e foi então que encontramos nossos exemplos. É importante salientar que, em certos domínios virtuais, os internautas tendem, em certa medida, a escrever de forma similar à fala cotidiana¹. Portanto, é de se esperar que os dados de internet possam refletir aspectos do português falado. Assim, as seguintes instâncias construcionais de “acredita nisso” (SP) e “acredita

¹ Para fins analíticos, todos os dados coletados foram transcritos de forma exatamente igual ao que está apresentado nos sites-fontes, inclusive com as variações e os erros ortográficos presentes.

isso” (SN), independentemente de serem interrogativas ou declarativas, foram selecionadas para a análise.

Análise dos dados

A princípio, as expressões “acredita nisso” e “acredita isso” se distinguem construcionalmente por apresentarem sintaxes distintas, em função da presença e da ausência da preposição “em” no sintagma complemento, respectivamente. Mesmo apresentando semânticas similares, é notável que, no campo pragmático, há uma sutil diferenciação entre tais usos quando eles se integram a contextos discursivos diferentes.

A construção não preposicional, comum a contextos de contraexpectativa local por parte do enunciador, tende a ser mais fictiva, pois ela se refere a uma representação menos verídica (menos informação e mais perplexidade), justamente por sua característica retórica, que remonta aos seus aspectos subjetivos e intersubjetivos. Comum a contextos de contraposição (posição adversa ou de ressalva), a contraparte preposicionada, no entanto, ao se apresentar como mais factiva, ou seja, avaliada como mais verídica, pode exigir uma resposta daquele que a recebe, enquanto a anterior não exigiria.

Postula-se ainda que a expressão “acredita isso”, ao acionar um *frame*, vincula-se ao contexto semântico ligado à ideia de perplexidade, admiração ou espanto. Em outras palavras, é como se o enunciador, ao optar por omitir a preposição, revelasse, no momento em que enuncia, algum nível de surpresa própria diante de uma informação que acaba de ser proferida, vivenciando localmente uma contraexpectativa. Por outro lado, ao optar por “acredita nisso”, o enunciador endereça uma contraexpectativa reiterada por ele para outro, contrapondo-se.

A formação com sintagma preposicional como objeto oblíquo tende a se portar, objetivamente, como pergunta ou asserção de caráter factivo, ou seja, aquela que invoca o interlocutor a respondê-la ou aquela que codifica a informação avaliada como pertencente ao estado de coisas no mundo, respectivamente. Por outro lado, a formação cujo complemento é constituído por SN pronominal, com objetivo direto e sem preposição, tende a se comportar como pergunta fictiva ou

asserção fictiva, ambas de natureza subjetiva e intersubjetiva; em outros termos, a pergunta fictiva se caracteriza como aquela que não almeja resposta, pois apresenta características de pergunta retórica, embutindo a resposta; ou como asserção fictiva que veicula uma concepção subjetiva do enunciador perplexo ou admirado com determinada situação ou pessoa.

Outro desdobramento, inferido com base nos contextos de produção em que ambas as instâncias de construção estão integradas, revela que o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “isso”, como SN complemento direto do verbo “acreditar”, perfila, em perspectiva disjuntiva, a concepção do outro que não o enunciador; ao passo que o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “nisso”, como SP complemento oblíquo do verbo “acreditar”, perfila, em perspectiva conjuntiva, a concepção própria do enunciador. Entretanto, se o verbo estiver sob o escopo da negação, dá-se o oposto, isto é, o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “isso” perfila a concepção própria do enunciador; ao passo que o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “nisso” perfila a concepção do outro que não o enunciador. Vamos aos exemplos:

Acredita nisso

Primeiro, trataremos das ocorrências em que “acredita nisso” está integrado a certos contextos discursivos, os quais evidenciam, de forma circunscrita, a natureza funcional do SP “nisso” como complemento oblíquo de “acredita”. Por isso, é importante saber em quais contextos discursivos o enunciador usa “acredita nisso” em vez de “acredita isso”. Desse modo, será empreendida uma descrição de aspectos contextuais e discursivos com o objetivo de se analisarem as preferências de encaixe de “acredita nisso”.

Como dito anteriormente, a parte preposicionada do par possui a característica de ser avaliada como mais verídica (mais factiva) quanto ao que é dito e, por consequência, pode exigir uma resposta. Diante disso, identificamos nessa formação uma contraexpectativa reiterada, que já acarretara perplexidade, surpresa ou admiração no enunciador, mas que, dessa vez, é por ele direcionada ao interlocutor.

Com base nisso, apresentamos a análise dos dados. Observe o primeiro exemplo:

(1) Postagem do blog Trindade, sobre Ressurreição².

Ressurreição: Você **acredita nisso?**

por trindade | abr 8, 2017 | 0 Comentários

Se Jesus ressuscitou, abriu-se uma nova perspectiva, uma nova realidade, uma nova vida. Experimentamos a manifestação do Reino de Deus em nossas vidas, temos uma tarefa diante do mundo que nos cerca. Nos movemos pelo amor, pela gratidão, pela paz que nos alcançou. Não tememos mais a morte, somos livres. Então, você realmente **acredita nisso?** Abra seu coração e veja!! (TRINDADE, 2017, grifos nossos).

Nesse caso, como pronome anafórico, “nisso” retoma claramente o elemento “ressurreição”, logo no título, ancorando-o objetivamente ao evento discursivo. O mesmo ocorre com o segundo “nisso”, porém este passa a figurar também como um índice resumitivo do texto que o antecede, ou seja, praticamente remete a tudo o que é postado. A expressão “acredita nisso” integra uma pergunta de caráter factivo, objetivando angariar respostas dos leitores sobre crenças na ressurreição. Isso ocorre embora não houvesse comentários registrados no momento de nossa visita ao endereço eletrônico mencionado.

No contexto discursivo, o autor sugere o que parece já ter sido, no passado, uma revelação para ele, cujo impacto que o capturou para a certeza na ressurreição já não existe mais de forma tão surpreendente. Quando inicia a própria resposta à pergunta-título, emprega a conjunção “se”, cujas nuances de sentido propendem mais para a causalidade do que para a condicionalidade. Com isso, a ressurreição é praticamente tomada como um fato, ou seja, reitera-se a contraexpectativa da revelação. Por se apresentar como fiel à tal crença, ele sinaliza disposição em transmiti-la ao leitor, podendo gerar surpresa ou admiração naquele que lê sua postagem.

Ao enunciar um comando metafórico em “Abra seu coração e veja!!”, faz apelo às subjetividades dos leitores em prol da crença na ressurreição. Assim, dispara uma pressuposição de que há pessoas que não acreditam ou que acreditam em ressurreição parcialmente. Na verdade, então, o enunciador está dando mostras de que se contrapõe, de modo suavizado,

² Data de publicação: 8 abr. 2017. Disponível em: <http://www.comunidade-trindade.org.br/project/ressurreicao-voce-acredita-nisso/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

àqueles que não acreditam (muito) em ressurreição e faz-lhes uma proposta de crença.

A expressão “acredita nisso” está imersa em um contexto discursivo no qual o próprio enunciador demonstra que acredita no que “ressurreição” evoca. Esse termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “nisso”, como SP complemento oblíquo do verbo “acreditar”, tomado como factivo, perfila a concepção própria do enunciador, que a defende ao longo da postagem. Sua perspectiva é de conjunção com o que diz. Os argumentos religiosos são de quem almeja convencer o outro de sua própria crença. “Acredita nisso”, nesse contexto, coloca em perspectiva o domínio de concepção do autor.

Observe outro dado:

(2) Postagem da página Toluna Influencers, sobre uma fobia de Hitler³.

Michelle.Miguelete:

Hitler tinha ailurofobia – medo de gatos, **acredita nisso?**

Um homem tão temido na história com medo de um bichinho inofensivo, acredita?

Se todos os judeus odiados por ele segurassem um gatinho em seus braços talvez tivessem vencido Hitler...rs Brincadeiras a parte....

Vamos lá...

O que é esse negócio de ailurofobia?

A ailurofobia (galeofobia, gatofobia, catufobia) é o medo irracional de gatos, especificamente. Indivíduos com ailurofobia sentem-se desconfortáveis na presença dos bichinhos.... (MICHELLE.MIGUELETE, 2016, grifo nosso).

Novamente, uma contraexpectativa reiterada desemboca em argumentos de contraposição — porém, dessa vez, em caráter de ressalva —, e a expressão “acredita nisso” se integra ao contexto discurso assim elaborado. É possível inferir que a autora da postagem, antes mesmo de se deparar com a suposta informação de que Hitler tinha ailurofobia, certamente não tivera expectativas acerca disso, o que a surpreendeu posteriormente. Em (2), ela veicula a suposta informação, reiterando-a, podendo assim atuar na contraexpectativa alheia, dos leitores. Contudo, Michelle.Miguelete (2016) adiciona novos comentários após a pergunta factiva e objetiva com “acredita nisso”. Ela se contrapõe à informação dada, não exatamente negando seu conteúdo proposicional, mas ressaltando a

³ Data de publicação: há 32 meses em relação à data de acesso. Disponível em: <https://br.toluna.com/opinions/2786929/Hitler-tinha-ailurofobia-%E2%80%93-medo-de-gatos,-acredita-nisso#>. Acesso em: 19 jul. 2019.

normalidade da referida fobia. E ao relacioná-la com Hitler, o mais conhecido ditador fascista da história, mais inusitada a informação dada se torna, o que favorece a contraposição.

Assim, uma possível contraexpectativa a ser gerada no leitor, e já ocorrida com ela, é a de que seria estranho Hitler sofrer de uma fobia tida como banal. Detentora da suposta informação, a autora opta pela expressão “acredita nisso” ao veicular o que pode ser inesperado para o leitor, ressaltando a surpresa por meio de contrapontos irônicos e sarcásticos. Ela usa de ironia, quando escreve que um homem destemido tem medo de gato, e de sarcasmo, quando escreve, em tom de piada, que os judeus poderiam recorrer ao animal para derrotar o ditador. Como essas contraposições ressaltadas podem ser lidas negativamente, mitiga-as, enquadrando ironia e sarcasmo como “brincadeiras”.

Ao veicular a suposta informação acerca da fobia de Hitler, Michelle.Miguelite (2016) demonstra acreditar nela, inclusive por ser jocosa com a suposta informação e por se propor a explicar o conceito de ailurofobia. Com isso, faz uso do “acredita nisso”, em que a expressão antecedente retomada anaforicamente pelo pronome “nisso” (qual seja: “Hitler tinha ailurofobia”), tomada como factiva, perfila a concepção própria da enunciativa. Novamente, a construção preposicionada está pareada com um contexto discursivo em que se perfila ou perspectiviza, conjuntivamente, a concepção do enunciador, não a do leitor, a quem se endereça a pergunta.

É interessante notar ainda o seguinte dado:

(3) Crônica do autor Carlos da Costa intitulada “E VOCÊ AINDA ACREDITA NISSO, BOBINHA ?!”⁴

Carlos da Costa:

A garotinha pergunta à mãe porque ela ainda está acordada até àquela hora. A mãe explica à menina que está esperando o seu irmão, que foi a uma festa e prometeu que não ia demorar. A garotinha, depois de tomar o café e lamber o beijo, diz para mãe, na lata:

- E você ainda **acredita nisso** bobinha!⁵ As duas, mãe e filha, concluem a propaganda com um grande abraço e rindo uma da outra.

Não é bem dessa propaganda que desejo escrever. Aproveitei a propaganda, tão sensível e profunda em seu conteúdo para falar de outra coisa, das festas de hoje (COSTA, 2011, grifos nossos).

⁴ Data de publicação: enviado pelo autor em 17 fev. 2011 e reeditado em 18 fev. 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/2798763>. Acesso em: 19 jul. 2019.

⁵ Entende-se, aqui, que a pontuação tenderia a marcar interrogação em função de sua presença destacada no título do texto.

Esse excerto também salienta nossa hipótese no sentido de inserir “acredita nisso” em contexto discursivo de contraexpectativa reiterada seguida de contraposição como ressalva. Repare que há uma expectativa da mãe de que o filho retorne cedo. Todavia, a filha, sabendo que o irmão nunca cumpre com o prometido, quebra a expectativa da mãe. Ou seja, por mais que a mãe também saiba que o filho, outras vezes, não chegara no horário prometido, ela ainda espera por isso e talvez se surpreenda se ele assim não fizer. A filha, por sua vez, já teve sua expectativa quebrada e endereça à mãe o que não a surpreende mais, fazendo uso da expressão “e você ainda **acredita nisso** bobinha!” para propor o rompimento da expectativa. A contraposição ressalvada, em forma de crítica jocosa, recai sobre o enquadre de “bobinha” atribuído à mãe pela filha.

O uso do advérbio “ainda”, com sentido de “até agora”, requer algumas considerações. Além de sinalizar tempo, ele dispara as pressuposições de que a irmã já não acredita mais que o irmão vai chegar cedo das festas, de que ele sempre quanto a isso e de que a mãe não deve acreditar mais que o filho chegará cedo das festas. O advérbio “ainda” modifica “acredita”, impelindo sua semântica a propender localmente para o entendimento de que a mãe, se ainda acredita nas promessas do filho até aquele momento, não tem como acreditar mais nelas no futuro. Tendo em vista a compreensão da irmã e da filha, a expressão anaforicamente retomada pelo pronome “nisso” é entendida como uma verdadeira mentira (tomada como factiva), a de que o irmão não ia demorar. Assim, no âmbito da perspectiva de quem enuncia “acredita nisso”, o termo antecedente perfila uma concepção própria sobre a promessa, a de que não será cumprida.

Outro dado encerra a análise pontual de “acredita nisso”:

⁶ Data de publicação: 15 abr. 2019. Disponível em: https://patriatube.com/index.php?link1=watch&id=ditadura-militar-nem-lula-acredita-nisso-assista-com-aten%C3%A7%C3%A3o-e-confira_iXL7C2Tfw9GP2Az.html. Acesso em: 16 jul 2019.

(4) Descrição de um vídeo sobre o ex-presidente Lula e a ditadura militar ocorrida no Brasil⁶.

Fênix Conservadora:

Alguém acredita que houve ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985?

EM SEU ÍNTIMO, NEM LULA ACREDITA NISSO !!!

Tivemos, APENAS um REGIME DE GOVERNO MILITAR para reprimir os guerrilheiros comunistas (os mesmos que,

hoje, latem chamando esse período de “ditadura” nos meios de comunicação e mídias sociais (FÊNIX CONSERVADORA, 2019, grifos nossos).

Algo de semelhante ocorre nesse excerto, em comparação ao exemplo (3), relacionado com o uso de “acredita nisso”, embora (4) seja o único caso que não envolve pergunta. Fênix Conservadora adota uma atitude objetiva (factiva) de crença, perfilando elementos do *ground*, como o emprego do pronome “nisso”, e retomando pontual e anaforicamente a informação prévia: “que houve ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985”. Ao enunciar “EM SEU ÍNTIMO, NEM LULA ACREDITA NISSO !!!”, nega, com a conjunção “nem”, que Lula acredite nessa informação, disparando a pressuposição de que também não crê, o que se confirma com o que vem em seguida. Nesse momento posterior, a enunciadora perfila objetivamente suas posições subjetivas, sem que recorra a inferências, defendendo a inexistência de ditadura militar no Brasil, no período mencionado.

É bem evidente que Fênix Conservadora, ao reiterar sua própria contraexpectativa, insere a expressão “acredita nisso” em um contexto de contraposição de caráter adverso, não apenas de ressalva. Em outras palavras, parece que a autora do texto já se surpreendera com o vídeo sobre o ex-presidente Lula e a ditadura militar ocorrida no Brasil e tenta transmitir sua indignação para os internautas, atuando em contraposição. Ela endossa uma contraexpectativa já experimentada, a de que Lula supostamente não acredita que houve ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985, para se contrapor a quem entende ter havido. Como o verbo “acreditar” está sob o escopo da negação, com o emprego do advérbio “nem”, o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “nisso” (houve ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985) perfila a concepção do outro, tida como factiva por ele e que não é a concepção da enunciadora.

Acredita isso

Diferentemente do que é analisado em função dos dados com “acredita nisso”, os contextos discursivos que acolhem a expressão “acredita isso” apresentam característica

fictiva ou subjetiva. Nesses casos, a fictividade, manifestada pelo enunciador, sugere uma perspectiva de avaliação conceptualmente não verídica, representada, conotativamente, por uma expressão mais idiomática. O termo antecedente retomado por “isso”, dessa vez, vincula-se a concepções tidas pelo enunciador como hipóteses não validadas ou muito subjetivas. Como consequência, temos uma construção que representa surpresa, perplexidade, admiração ou espanto do enunciador com o que está sendo enunciado, em um ambiente de contraexpectativa localmente verificada. É diferente dos casos com “nisso”, em que a contraexpectativa reiterada pressupõe que a surpresa seja prévia ao contexto discursivo posto. Já no caso de “acredita isso”, o próprio enunciador está localmente surpreso com a hipótese não validada por ele ou com os possíveis exageros subjetivos. A seguir, apresentamos a análise dos dados, baseando-nos nessas hipóteses. Observe primeiramente o dado (5):

(5) Postagem de Antonio C, sobre matéria em torno da suposta farsa da existência de Jesus Cristo⁷.

(André:) a menos que vc aceite que existem milhões de deuses por aí fazendo curas.

(Antonio:) eu não acredito que existam milhões de deuses por aí fazendo curas.

(André:) Diga, vc acredita nos orixás e seus servidores?

(Antonio:) não acredito, mas não critico e nem duvido de quem **acredita isso** por que não posso afirmar e nem provar cientificamente que eles não existem, além disso quem estuda a religião afro-brasileira não quer provar que orixás existem mais sim mostrar a origem dessa fé de modo a trazer tolerância as praticas da religião desmistificando a ideia de religião do diabo, mesmo que algumas denominações cristãs dificultem essa tolerância mas ai é outra história (ANTONIO C., 2010, grifo nosso).

Esse dado foi extraído do blog “Ceticismo, ciência e tecnologia”, que, ao publicar uma matéria sobre uma suposta farsa da existência de Jesus Cristo, provocou polêmica na internet. Os nomes “André” e “Antonio” não figuram no trecho exato da postagem original de Antonio C, que corresponde ao excerto referido, mas os turnos de enunciação dizem respeito a ambos os internautas; por isso, o uso dos parênteses. E como Antonio C reporta *ipsis litteris* fragmentos de outra postagem de André, a inserção dos nomes no excerto passou a ser mais

⁷ Data de publicação: 28 jan. 2010, 03:39:01. Disponível em: <https://ceticismo.wordpress.com/2007/02/05/a-maior-farsa-de-todos-os-tempos-jesus-cristo-nunca-existiu/>, Acesso em: 14 jun. 2019.

relevante. De acordo com o contexto discursivo, André, que se mostrava ateu, começara a discutir primeiro com outro internauta, Wellington Coutinho, um cristão devoto. Os comentários entre os dois seguem em tom bem agressivo, quando Antonio, um cristão que se intitulava historiador, decide colaborar com o debate.

Observando-se o excerto, constata-se uma clara divergência de opinião entre enunciadores. Ao proferir “não acredito, mas não critico e nem duvido de quem **acredita isso**”, Antonio C. (2010) busca mitigar o alto grau de tensão que já existira, anteriormente, no embate entre André e Wellington, e que, de certa forma, persiste. Para Antonio, a crença em orixás e seus servidores é algo controverso. Todavia, talvez para que sua opinião não seja tomada como algo depreciativo, ele formalmente sofisticava a linguagem, parecendo substituir a tensão por argumentos, o que pode soar como ironia.

Na última fala de Antonio, a preposição “em” não se efetiva na contração com o pronome “isso” como complemento do verbo “acreditar”. Assim, a expressão antecedente, relativa à crença nos orixás e nos seus servidores, é retomada anaforicamente pelo pronome “isso” como que perfilando a concepção de outrem e desvelando uma perspectiva disjuntiva por parte de Antonio, visto ele não se dizer adepto da crença.

Assim, desvela-se a subjetividade do enunciador Antonio, que, como já vimos, abrandava localmente sua perplexidade, admiração, surpresa ou espanto diante do tema e do debate acalorado. Mesmo assim, ele aparentava vivenciar a contraexpectativa discursiva local, acionando desse modo o *frame* de perplexidade ou admiração e invocando-o para si em detrimento da reação de seu interlocutor.

Veja este outro dado:

(6) Postagem do blog “Movimento Humanista”, com o título “Sobre a (in)comunicação”⁸.

O que é isto de que estamos incomunicados? Ou será talvez a sensação de incomunicação a que registamos? Porque aparentemente e segundo mostra a realidade estou mais comunicado do que nunca. Será que estou comunicado mas sinto a incomunicação? Isto é outra coisa.

Não será que experimento, ainda que rodeado de gente, que estou como que cercado por um corpo transparente? Não será que me encontro numa situação de não poder conectar num nível emotivo profundo com as outras pessoas? Não será que

⁸ Data de publicação: 16 abr. 2013. Disponível em: <http://naoviolenca.cana1139.com/blog/?p=631>. Acesso em: 14 jun. 2019.

me falam e falo e nesse falar perde-se o mais importante? Que é este registo de solidão, de incomunicação, de isolamento? Esta coisa paradoxal que acontece nas cidades, onde a conexão é cada dia mais e mais intensa. Que significa este fenómeno?

A nossa mensagem baseia-se numa necessidade existencial, numa necessidade do ser humano. Este é um ponto de grande importância: se vocês não dão, nunca vão receber. Se acreditas que se trata só de receber objetos, afetos, pessoas, dietas, paisagens, etc...se se **acredita isso**, irás ter problemas (MOVIMENTO HUMANISTA, 2013, grifo nosso).

Dentre os excertos extraídos para análise, (6) é o único que contempla dados do Português Europeu. Segundo consta na *homepage*, o conteúdo da postagem é uma espécie de resumo do que fora tratado em um encontro anterior — não se sabe se presencial ou virtual. O autor discorre sobre os problemas da ausência de comunicação nas relações humanas, lançando mão de recorrentes Interações Fictivas em forma de perguntas para si mesmo e também como provocações para o outro.

O enunciador faz uso do discurso em primeira pessoa durante boa parte do texto, perspectivando conceptualmente aspectos subjetivos. Isso se dá por meio de uma série de oito perguntas fictivas às quais ele mesmo, em certa medida, responde, acionando, assim, o *Frame* de Conversa, por meio do qual debate consigo mesmo para o leitor. Utilizadas como modo de reflexão, tais indagações usam da retórica para levar o leitor a conceber as mesmas impressões que o autor. Todavia, como a modalidade escrita impõe uma interlocução bem diferente da interação face-a-face, a provocação se apresenta com uma expectativa de resposta, a qual pode não se realizar tão imediatamente. Pelo menos até o momento em que a referida página eletrônica foi acessada, não havia nenhum comentário postado em decorrência da mensagem, apesar de haver campo para se deixarem respostas.

Observa-se que a expressão de subjetividade do enunciador se modifica após as perguntas fictivas. A princípio, o autor expõe a maior parte de suas ideias e opiniões de forma indireta. Entretanto, no último parágrafo do excerto, o autor muda a pessoa do discurso, usando a segunda. Nesse momento, evidencia sua insatisfação e perplexidade com pensamentos divergentes ao dele e ainda adverte: “se se **acredita isso**, irás ter problemas” (MOVIMENTO HUMANISTA, 2013).

Novamente, a expressão “acredita isso” é inserida em contextos discursivos que expressam opiniões subjetivas, sob “lentes” também subjetivas. Logo, não deve ser considerada aleatória a omissão da preposição “em”. Pontualmente, verifica-se que o não uso tem a ver com uma contraexpectativa local do enunciador, dessa vez relacionada com humanização, sem que se recorra a uma crença popular e muito compartilhada. Ao contrário, ele propõe uma discussão intelectual sobre incomunicação humana, motivo de sua preocupação. O enunciador aciona, assim, o *frame* de perplexidade, invocando-o para si independentemente das críticas que possa receber. Entretanto, expõe sua indignação para convidar o outro ao debate e para alertá-lo.

Os termos antecedentes anaforicamente retomados pelo pronome “isso”, como SN complemento direto do verbo “acreditar”, são entendidos como sendo pontualmente “Se acreditas que se trata só de receber objetos, afetos, pessoas, dietas, paisagens, etc...”, embora impliquem também o entendimento de tudo o que foi enunciado antes. Tais termos perfilam a hipotética concepção do outro, enquadrada pela condicional, de que “se trata só de receber objetos, afetos, pessoas, dietas, paisagens, etc...”. Essa não é a concepção do autor. Por isso, ele se coloca em perspectiva disjuntiva, focando-se nela para contra-argumentar.

Outro dado também chama a atenção:

(7) Postagem no fórum online Adrenaline, sobre o tema “Você acredita em Deus?”⁹.

(Pryds:) o problema é que nao tem meio termo. Eu nao me encaixo muito bem em nenhuma delas. Eu penso que ele NÃO existe e **acredito nisso**, independete da existencia dele. Agora se ele existe eu nao sei. Mas por inquanto pra mim ele não existe.

(Pryds:)A 20 anos atrás como você reagiria se eu te dissesse que existem universos paralelos como os do desenho do superman? Diria que eu sou burro pois é óbvio que aquilo é ficção e que é impossível existirem universos paralelos.. pois bem, a ciência está estudando justamente isso hoje em dia e se todos pensassem somente utilizando frases feitas do wikipedia, ateus e gnósticos estariam ambos no mesmo barco, com os olhos vendados e as mãos atadas se chutando (Rubim:)Como eu agiria se você me falasse a 20 anos disso? Eu falaria: Prove. Jamais chamei alguém de burro, apenas

⁹ Data de publicação: 23 nov. 2010. Disponível em: <https://adrenaline.uol.com.br/forum/threads/voce-acredita-em-deus-topico-infinito.159863/page-367>. Acesso em: 14 jun. 2019.

disse se você **acredita isso**, me de fundamentos, fatos da prova da existência.

Atéus e Gnósticos, o que diabos tem haver Atéu com Gnóstico? (PRYDS; RUBIM, 2010, grifos nossos).

O excerto citado é extraído de uma discussão gerada em um fórum do *site* UOL, a qual tem como tema “Você acredita em Deus?”. Os dois comentários de Pryds (2010) que fazem parte do fragmento servem de contexto discursivo para o de Rubim (2010). Seus nomes não estão exatamente nesses trechos do original; por isso, o uso dos parênteses. Pryds (2010) diz não acreditar em Deus, fazendo uso da expressão “acredita nisso” e, assim, perfilando, em “lentes” objetivas, concepção própria, mas também não duvidando de que, em algum momento, alguém possa comprovar sua existência. Rubim diverge disso.

A expressão “você acredita isso”, imersa na fala de Rubim (2010), integra-se a um contexto discursivo marcadamente subjetivo, repleto de opiniões. Além de adicionar esses conteúdos subjetivos ao discurso, Rubim tem uma atitude subjetiva ao fazer uso linguístico de “você acredita isso”. Essa forma de perspectivizar conceptualmente parece depender menos das informações do *ground*, embora a anáfora se mantenha. É que há uma contraexpectativa local por parte de Rubim, a de que Pryds discorda dele, o que aciona, em Rubim, uma perspectiva mais subjetiva sobre a questão, portanto fictiva (menos verdadeira). Com isso, Rubim invoca o *frame* de perplexidade para si em detrimento das reações de seu interlocutor.

Não exatamente especificado em uma única expressão, mas referente à ideia de que Deus não existe por falta de provas, o termo antecedente anaforicamente retomado pelo pronome “isso”, como SN complemento direto do verbo “acreditar”, perfila a concepção de Pryds, não a de Rubim. Assim, Rubim se coloca em perspectiva disjuntiva, não dando crédito ao posicionamento de Pryds e deixando clara sua perplexidade. “Isso” remete à concepção de Pryds, e a remissão serve de gatilho para os argumentos de Rubim, o qual enquadra o entendimento de Pryds não exatamente como condição, mas como causa de seu espanto. A expressão “acredita isso” não é veiculada como pergunta, mas integrada ao escopo de uma condicionalidade formal, com o uso da conjunção “se”. No

entanto, por força simbólica do verbo “acreditar” no presente, não se trata de uma hipótese prototípica, mas de um índice de causalidade, como se “se” fizesse as vezes de “já que”.

Para finalizar a análise pontual de “acredita isso”, segue o dado:

(8) Postagem da *homepage* COMPUTERWORLD¹⁰.

Futuro pautado em TI será um dos destaques do IT Forum

Hoje, a tecnologia ocupa grande espaço na vida das pessoas, como se fosse uma extensão do corpo, algo previsto por Marshall McLuhan, filósofo e teórico da comunicação canadense. Para McLuhan, com o passar dos anos, os avanços tecnológicos determinariam o futuro da humanidade. E ele estava certo.

Se você **não acredita isso**, pense na última vez em que foi para algum lugar sem usar o Waze, Google Maps ou qualquer aplicativo de localização. Hoje, as pessoas confiam mais nessas tecnologias do que nas indicações de pessoas.

Essa mudança clara de comportamento foi notada por Gerd Leonhard, futurista e autor do livro “Technology vs Human”. Na visão de Leonhard, a humanidade tem cedido muito espaço à TI, que está dominando a evolução da humanidade por conta do seu crescimento exponencial (COMPUTERWORLD, 2019, grifo nosso).

Esse excerto apresenta outro uso de “acredita isso”, porém, dessa vez, sob o escopo de negação. A instância referida ilustra o oposto do que se advoga para os casos anteriores de “acredita isso”. No contexto discursivo apresentado, o parágrafo inicial que é retomado pelo pronome anafórico “isso”, um SN complemento direto do verbo “acreditar”, perfila a concepção própria do enunciador, ou seja, da empresa metonimicamente responsável pela postagem. Ao contrário do que ocorreria com os casos sem escopo de negação, os termos antecedentes, nesse exemplo, não perfilam, nem direta e nem indiretamente, a concepção do endereçado, pois o enunciador se dirige àqueles que jamais acreditaram no conteúdo do que é exposto no primeiro parágrafo.

A condicionalidade prototípica encabeçada pela conjunção “se”, em “Se você **não acredita isso**”, apela argumentativamente para o leitor descrente de que “a tecnologia ocupa grande espaço na vida das pessoas, como

¹⁰ Data de publicação: 19 mar. 2019. Disponível em: <https://computerworld.com.br/2019/03/19/futuro-pautado-em-ti-sera-um-dos-destaques-do-it-forum/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

se fosse uma extensão do corpo” e de que “os avanços tecnológicos determinariam o futuro da humanidade” (COMPUTERWORLD, 2019). Esses argumentos veiculam parte da ideologia da própria empresa, interessada em que o leitor endereçado passe, então, a acreditar nisso. Assim, a dêixis de pessoa, representada pelo pronome “você”, convida o “tal” leitor endereçado, fictivo e de caráter genérico, a estabelecer uma Interação Fictiva, aquela em que o enunciador, de fato, conversa consigo mesmo. Por isso, o excerto apresenta uma perspectiva intersubjetiva do enunciador sobre a cena evocada, suscitando uma contraexpectativa local, na qual leitores podem não acreditar em suas informações.

O enquadre da condicionalidade prototípica é condizente ainda com uma postura conceptual neutra do enunciador, que busca adesão a seus argumentos, mas não controvérsias. A *homepage* tem apenas o propósito de divulgar os serviços da empresa. Assim, não podemos afirmar que o redator, em nome da empresa, acione o *frame* de perplexidade, invocando-o para si em detrimento de seu interlocutor, exatamente como nos casos anteriores com “acredita isso”. A postura neutra da condicional modaliza o uso, transformando o que seria uma perplexidade da dúvida apenas em dúvida. No entanto, o enunciador invoca para si a dúvida em consideração ao endereçado fictivo, não estando certo de que o leitor acreditará ou não em seus argumentos. É também como se o enunciador se surpreendesse com a possibilidade de alguém poder discordar de sua opinião, principalmente porque a tecnologia vem se fazendo cada vez mais presente em nosso cotidiano.

Considerações finais

A ausência ou presença de preposição “em”, na complementação do verbo “acreditar”, seguido do pronome anafórico “isso” ou “nisso”, parece então ser um detalhe que faz toda a diferença na distinção do par proposto neste trabalho. Isso contribui para endossar a tese construcional de que, se a forma muda, altera-se também o significado. É claro que, se estivermos falando de quaisquer formas distintas, os sentidos apontariam para rumos diferentes. “Água”, por exemplo, significa algo muito diferente de “todavia”. No entanto, estamos

lidando com duas alternativas de perspectivação conceptual, “acredita isso” e “acredita “nisso”, cujos significados e formas emparelhados são relativamente próximos, cuja semântica é semelhante, mas a sintaxe e o uso no discurso (pragmática) são diferentes.

A pista da informação preposicional no âmbito dessas formações construcionais, tomadas isoladamente e de maneira alternada, sem o contexto discursivo, já sugere que o contexto sintático mínimo e díspar é simbolicamente condizente com contextos discursivos abrangentes e díspares. Sem a verificação do conhecimento enciclopédico nos usos dessas instâncias de construção, talvez jamais pudéssemos aventar hipóteses mais sólidas acerca de suas diferenças de significação. O contexto discursivo informa, com riqueza de detalhes, em que condições conceptuais e linguísticas o usuário da língua, de modo inconsciente, prefere optar por cada uma das duas construções estudadas. Há tendências preferenciais favoráveis às colocações de acordo com os ambientes adequados, ora mais ora menos factivo ou fictivo.

As construções “acredita isso” e “acredita nisso” comportam-se nos exemplos coletados como sendo distintas pragmaticamente, independentemente dos contextos declarativos e interrogativos de uso. Do ponto de vista da semântica tradicional, aquela que trata do significado das palavras e sentenças, de forma isolada, não se pode afirmar que haja distinções. Todavia, como a Linguística Cognitiva dilui a dicotomia semântica/pragmática, pois não distingue conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, há claras distinções de significação entre uma e outra. Ao fazer tais escolhas, o enunciador, reiterando-as sempre, legitima perfis construcionais até que eles se firmem na rede de construções.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Aparecida Faria de. *Subjetividade e intersubjetividade: as construções completivas epistêmicas em inglês*. 2010. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ANTONIO C. Comentário sobre: A maior farsa de todos os tempos: Jesus Cristo nunca existiu. 5 fev. 2007. [Comentário em 28 jan. 2010]. In: LEALCY B. JUNIOR. *Ceticismo, ciência e tecnologia*. [S. l.]: Ceticismo.net, 28 jan. 2010. Disponível em: <https://ceticismo.wordpress.com/2007/02/05/a-maior-farsa-de-todos-os-tempos-jesus-cristo-nunca-existiu/>. Acesso em: 14 jun. 2019.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SOARES, Maria Elias (org.). *A linguagem falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia; CALLOU, Dianh (org.). *Corpora*. Cd-rom publicado pelo CNPq/Faperj, 2000.

COMPUTERWORLD. Futuro pautado em TI será um dos destaques do IT Forum. *COMPUTERWORLD homepage*, [S. l.], 19 mar. 2019. Disponível em: <https://computerworld.com.br/2019/03/19/futuro-pautado-em-ti-sera-um-dos-destaques-do-it-forum/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

COSTA, Carlos da. E você ainda acredita nisso, bobinha?! In: *Recanto das Letras*. [S. l.], 18 fev. 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/2798763>.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FÊNIX CONSERVADORA. Ressurreição: Ditadura Militar??? Nem Lula acredita nisso! Assista com atenção e confira! [S. l.]: *Patria Tube*, 15 abr. 2019. 1 vídeo (2 min. 14 seg.). Disponível em: https://patriatube.com/index.php?link1=watch&id=ditadura-militar-nem-lula-acredita-nisso-assista-com-atenção-e-confira_iXL7C2Tfw9GP2Az.html. Acesso em: 16 jul. 2019.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes: mais de 11.000 verbos em suas diversas acepções e regências*. Porto Alegre: Editora Globo, 1983.

FERRARI, Lilian Vieira. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (ed.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins: 182, 17-92, 1982.

_____. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. Cognitive Grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYEKENS, Hubert (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York: Oxford University Press, p. 421-461, 2007.

_____. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

MICHELLE.MIGUELETE. Hitler tinha ailurofobia – medo de gatos, acredita nisso? In: *Toluna Influencers*. Connecticut, 2016. Disponível em: <https://br.toluna.com/opinions/2786929/Hitler-tinha-ailurofobia---medo-de-gatos,-acredita-nisso#>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MOVIMENTO HUMANISTA. Sobre a (in)comunicação. 16 abr 2013. Disponível em: <http://naoviolenca.canal139.com/blog/?p=631>. Acesso em: 14 jun. 2019.

PASCUAL, Esther. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

PRYDS; RUBIM. Comentários sobre: Você acredita em Deus? 29 ago. 2007. [Comentários em 22 nov. 2010]. In: FEYH F.; BOEING J. *Adrenaline*. Florianópolis: Adrenaline.com.br, 22 nov. 2010. Disponível em: <https://adrenaline.uol.com.br/forum/threads/voce-acredita-em-deus-topico-infinito.159863/page-367>. Acesso em: 14 jun. 2019.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University, 2005.

TRINDADE. Ressurreição: Você acredita nisso? In: *Comunidade Evangélica Luterana da Trindade*. Florianópolis, 8 abr. 2017. Disponível em: <http://www.comunidade.trindade.org.br/project/ressurreicao-voce-acredita-nisso/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Abstract

The constructional pair “acredita nisso/acredita isso”: syntactic distinction in use implies semantic-pragmatic difference

This paper investigates semantic-pragmatic distinctions in the “acredita isso/acredita nisso” pair of grammatical constructions in Portuguese, fostered by their syntactic differences and licensed by specific discursive contexts. Given the Cognitive Linguistics’ theoretical framework, represented here by authors such as Almeida (2010), Croft and Cruse (2004), Ferrari (2011), Goldberg (1995, 2006), Langacker (1999, 2007), Pascual (2014), and Talmy (2000), it postulates that the uses of “acredita isso”, common to local counter-expectation contexts, involve a more subjective perspective about the scene evoked, and thus, by triggering the frame of perplexity or admiration, the speaker invokes this to himself rather than the addressee reaction; “acredita nisso”, common to experienced counter-expectations and local counterposition contexts, encompasses a more objective perspective on the evoked scene, and by triggering the belief frame, the speaker evokes it for the other. The antecedent term anaphorically taken up by the pronoun “isso” shapes the addressee’s conception, in a disjunctive perspective; whereas the antecedent term anaphorically taken up by the pronoun “nisso” shapes the speaker’s own conception, in a conjunctive perspective. If the verb “acreditar” falls within the scope of negation, the pronoun “isso” shapes the speaker’s own conception, and the pronoun “nisso” shapes the addressee’s conception. The hypotheses were raised from data extracted from websites in Portuguese on the internet.

Keywords: Construction Grammar. Fictivity. Subjectivity. Intersubjectivity. Use.